

Imaginários Tricolores: uma comparação dos cantos de Geral do Grêmio e Bravo 52, do Fluminense¹

Soraya Damasio Bertoncello²

Camila Valente³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

RESUMO

A pesquisa compara os cantos das torcidas Geral do Grêmio e Bravo 52 do Fluminense, analisando como essas manifestações performáticas constroem identidades coletivas nas arquibancadas. Com base em autores como Alabarces, Bundio e Silva, investiga-se como melodias populares são apropriadas para expressar pertencimentos, rivalidades e memórias afetivas, compondo imaginários sobre os clubes e sobre o ser torcedor. A metodologia envolveu análise comparativa de repertórios, considerando aspectos musicais, discursivos e simbólicos. Os resultados indicam que, apesar das diferenças entre os contextos locais e históricos dos clubes, há convergências formais e temáticas nos cantos, que funcionam como dispositivos narrativos de afirmação identitária e atualização de disputas culturais e sociais.

Palavra-chave: torcidas; futebol; imaginário; cantos; identidade

Os cantos das torcidas de futebol são manifestações coletivas que exercem papel fundamental na constituição de identidades sociais e culturais. Conforme apontam Armstrong e Young (1999), esses cantos configuram rituais corporais de expressões públicas coletivas, únicas na sociedade contemporânea, que vão além do mero apoio ao clube, funcionando como uma linguagem própria das arquibancadas capaz de expressar visões de mundo, rivalidades, pertencimentos e construir uma dimensão simbólica e afetiva. Nesse contexto, os cantos atuam como expressão de imaginários, entendidos como representações simbólicas e afetivas que os grupos produzem sobre si mesmos e sobre os outros, moldando identidades coletivas (SILVA, 2019).

Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense e Fluminense *Football Club* são clubes distantes em termos geográficos, sociais e simbólicos, mas compartilham uma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: soraya.bertoncello@edu.pucrs.br

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: mila.valente@yahoo.com.br.

coincidência: o tricolor como elemento identitário. Fora isso, suas trajetórias são marcadamente distintas.

Fundado em 1903, em Porto Alegre, o Grêmio possui origens ligadas a elites comerciais gaúchas, com forte influência de imigrantes alemães. Ao longo do século XX, o clube passou por uma popularização significativa, sobretudo com o crescimento das torcidas organizadas a partir dos anos 1970 e, posteriormente, com o surgimento da “Geral do Grêmio”, criada no início dos anos 2000, que se consolidou como a primeira *barra* - torcida caracterizada por seu fanatismo, presença constante nos jogos e protagonismo das festas nas arquibancadas (ALABARCES, ZUCAL E MOREIRA, 2008) – do Brasil. O Fluminense foi fundado em 1902, no Rio de Janeiro, e teve sua origem vinculada à elite carioca, especialmente aos jovens brancos e abastados da Zona Sul. Diferentemente do Grêmio, o clube manteve por mais tempo uma imagem associada à tradição aristocrática, pois mesmo com a popularização de sua torcida, sobretudo devido a construção do Maracanã, o clube e a torcida não tiveram o interesse de desconstruir essa imagem elitista. Somente no final dos anos 2000, setores das torcidas junto ao clube irão criar movimentos de reconstrução de uma imagem mais popular do tricolor carioca.

A comparação entre essas duas torcidas, uma consolidada como pioneira no estilo barra no país e outra ainda emergente, revela contrastes significativos, mas também aproximações inesperadas. Bundio (2020) observa que os cantos de torcida são adaptações de melodias populares, que recebem novas letras criadas para reforçar o vínculo afetivo com o clube, provocar adversários, organizar a festa nos estádios e motivar os jogadores. Alabarces (2015) aponta dois critérios principais para a escolha das músicas: a memória musical e a adequação rítmica e métrica. A primeira se refere ao reconhecimento imediato de melodias amplamente divulgadas na cultura popular, enquanto a segunda diz respeito à facilidade de adaptação para o canto coletivo. Esses critérios explicam como torcidas de contextos tão distintos podem recorrer às mesmas melodias para criar cantos diferentes.

Um exemplo é a melodia de *Bad Moon Rising*, do grupo americano *Creedence Clearwater Revival*. Enquanto a Bravo 52 canta “Nós somos do Rio de Janeiro / Cidade de praia e carnaval / Nascido lá em Laranjeiras / Fluminense é um sentimento sem igual!”, a Geral do Grêmio entoa: “Venho do bairro da Azenha / Bairro do Monumental / Grêmio é puro sentimento / Somos a banda da Geral”. Ambas encerram com o refrão “Dale, dale tricolor”, o que sugere não apenas um compartilhamento de estruturas musicais, mas

também aproximações na forma de expressar o amor ao clube. No entanto, apesar da semelhança formal, os imaginários mobilizados por cada canto apontam para sentidos distintos. A Bravo 52 evoca o Rio de Janeiro como cidade de praia e carnaval, ativando um imaginário festivo e solar, centrado em atributos reconhecidos da identidade carioca. Já a Geral do Grêmio remete ao bairro da Azenha, de perfil mais popular, e ao Estádio Olímpico — antiga casa do clube, desativada após a inauguração da Arena do Grêmio em 2012 —, marcando uma conexão afetiva com um espaço vivo na memória dos torcedores. Enquanto o canto carioca celebra o Rio como cenário de alegria e tradição, o canto gremista reforça vínculos com a história do clube e com a cultura de arquibancada construída em décadas de presença no Olímpico.

Nos cantos, torcedores constroem e atualizam as fronteiras entre “nós” e “eles”, frequentemente por meio de dicotomias territoriais, morais e afetivas. Eles reafirmam identidades e rivalidades, mas também inscrevem nas arquibancadas disputas de classe, de gênero e de pertencimento. Ao apropriar-se de símbolos, melodias e discursos, as torcidas performam formas específicas de ser torcedor. Ao estudar essas manifestações, é possível perceber que os cantos de torcida, mais do que expressões de apoio são dispositivos de construção simbólica que refletem e reforçam valores, hierarquias e disputas.

Referências

ALABARCES, Pablo. GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, Maria Veronica. El "aguante" y las hinchadas argentinas: una relación violenta. Horizontes Antropológicos. v. 14, n. 30, dez. 2008.

ALABARCES, Pablo. Fútbol, música y narcisismo: algunas conjeturas sobre “Brasil, decime qué se siente”. El oído pensante, v. 3, n. 1, p. 1-19, 2015.

ARMSTRONG, Gary; YOUNG, Malcolm. Fanatical football chants: creating and controlling the carnival. Sport in Society, Oxfordshire, v. 2, n. 3, p. 173-211, 1999

BUNDIO, Javier Sebastian. La identidad se forja en el tablón: masculinidad, etnicidad y discriminación en los cantos de las hinchadas argentinas. Instituto de Investigaciones Gino Germani - CLACSO, Buenos Aires, 2020.

SILVA, Juremir Machado da. As Tecnologias do Imaginário. 3º.ed. Porto Alegre: Sulina, 2019